

SEM BRINCADEIRA!



Henrique Félix

SINOPSE

Guilherme é um garoto que adora ler. Quando sua professora lhe pede que escreva uma redação sobre a coisa que mais gosta de fazer, o menino não cumpre exatamente a tarefa e começa a produzir uma série de textos sobre sua vida em casa e na escola. Ao comentar um livro que a classe está lendo, por indicação da professora, Guilherme fala com entusiasmo da peça de teatro que será apresentada para a autora da tal obra, no dia em que ela visitar a escola. Mal sabe ele que uma grande confusão está para acontecer. Com a participação de Sonia Junqueira e as ilustrações de Jean-Claude R. Alphen, esta divertida história, contada por meio de dez redações, traz uma surpresa final para o leitor.

PALAVRAS DO AUTOR

Meu amor pela literatura começou com Monteiro Lobato. Adorei ler *A reforma da natureza* e, naquela época, nem imaginava que um dia viria a me tornar editor e autor de literatura infantil. Muitos anos depois, ao visitar uma escola, tive uma bela surpresa: além das costumeiras perguntas ao autor, recebi dos alunos uma singela homenagem, em forma de cartazes, desenhos e dramatizações de um dos meus livros. Foi daí que veio a inspiração para escrever esta história. E então, no meio do processo, surgiu a ideia de incorporar à narrativa um conto da Sonia Junqueira, do qual eu gostava (e gosto) muito. Bem, o resultado final de tudo isso foi este livro. Foi assim que aconteceu. Sem brincadeira!

FICHA TÉCNICA

Ilustrador: Jean-Claude R. Alphen

Formato: 20 x 20 cm

Número de páginas: 36

Coleção: *De fio a pavio*

ISBN: 978-85-385-2018-4

Indicação: A partir de 9 anos

SEM BRINCADEIRA!



Henrique Félix

“A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade.”

ANTONIO CANDIDO

(CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004. p. 186.)

“A fruição literária não é um simples ato de consumo, mas uma construção que pressupõe capacitação, experiência. É, pois, necessário deixar de associar a leitura prazerosa à ideia da mera facilidade ou lazer. Na facilidade, não está necessariamente o prazer e, na obrigação, não está necessariamente o desprazer. O prazer pode estar associado à realização.”

LUIZ PERCIVAL LEME BRITTO

(BRITTO, Luiz Percival Leme. Sobre o processo de formação do gosto e a constituição do sujeito leitor. *Prazer em Ler 2*, São Paulo, fev. 2007. p. 26.)

“A literatura infantil, nessa medida, é levada a realizar sua função formadora, que não se confunde com uma missão pedagógica. Com efeito, ela dá conta de uma tarefa a que está voltada toda a cultura — a de “conhecimento do mundo e do ser”, como sugere Antonio Candido, o que representa um acesso à circunstância individual por intermédio da realidade criada pela fantasia do escritor. E vai mais além — propicia os elementos para uma emancipação pessoal, o que é a finalidade implícita do próprio saber.”

REGINA ZILBERMAN

(ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Global, 2003. p. 29.)

“... a diversidade é fundamental quando se compreende que o leitor não nasce feito ou que o simples fato de saber ler não transforma o indivíduo em leitor maduro. Ao contrário, crescemos como leitores quando somos desafiados por leituras progressivamente mais complexas. Portanto, é papel do professor partir daquilo que o aluno já conhece para aquilo que ele desconhece, a fim de se proporcionar o crescimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes de leitura.”

RILDO COSSON

(COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 35.)

“O tratamento do texto literário oral ou escrito envolve o exercício de reconhecimento de singularidades e propriedades que matizam um tipo particular de uso da linguagem. É possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tomá-los como pretexto para o tratamento de questões outras (valores morais, tópicos gramaticais) que não aquelas que contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias.”

Parâmetros Curriculares Nacionais

(BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental — língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.)

SEM BRINCADEIRA!



Henrique Félix

FORMAÇÃO DO LEITOR

PREPARAÇÃO E MOTIVAÇÃO PARA A LEITURA

No processo de formação do leitor, o seu papel, professor, é fundamental, especialmente ao procurar atrair o interesse e a curiosidade das crianças. Para motivá-las para a leitura, você pode apresentar o livro, ler um trecho (se for um texto narrativo em prosa ou um texto teatral) ou um dos poemas (se for um livro de poesia), oferecer informações complementares que situem a leitura, criar suspense – quando for o caso – a respeito do final ou da sequência da narrativa, contar uma história que tenha a ver com o texto que será lido ou utilizar outras estratégias que despertem nelas o desejo de ler “aquele” livro em especial.

No entanto, nesse processo, cabe a você não somente o papel de incentivador da leitura mas também de mediador das atividades de compreensão do texto, fornecendo um conjunto de instrumentos de interpretação e de estratégias para que as crianças alcancem progressivamente a autonomia leitora.

A compreensão do que se lê depende também de fatores externos ao texto, como os conhecimentos prévios das crianças. Por isso, é importante sempre incentivá-las a usar os conhecimentos que já possuem – o que sabem sobre o gênero/tipo de texto (como geralmente se organiza e que recursos linguísticos e literários costuma utilizar), o tema e o autor, outros textos que tenham lido, situações que vivenciaram, etc. – para formularem hipóteses sobre o que vão ler ou o que estão lendo.

O levantamento de hipóteses percorre todo o processo de leitura, mas pode ser feito já na exploração prévia do texto/livro, a partir da observação de alguns indicadores: gênero/tipo de texto (narrativa, poema, texto teatral, livro de imagem), organização do texto (partes em que se divide, distribuição no papel, relação entre texto e imagem), autor, título, capa, ilustrações (personagens, cenário, cores, etc.), entre outros. Levantando e checando hipóteses interpretativas, os leitores vão buscando o “fio da meada” que lhes permite construir o sentido do texto que está sendo lido.

Para facilitar a entrada no texto, você pode recorrer a perguntas pedagógicas para orientar seus alunos e apontar caminhos possíveis para a compreensão do que se lê. Considerando o perfil da turma, você pode elaborar perguntas de antecipação (pré-leitura) que ajudarão os alunos a formular hipóteses e a ativar conhecimentos relevantes para a leitura do texto, partindo do que já sabem para descobrirem o que ainda não sabem e construindo uma ponte entre o livro que será lido e o que foi trabalhado anteriormente na sala de aula.

Um recurso valioso que também facilita a entrada no texto é a leitura expressiva, que consiste em dar vida às palavras, em colocar na voz os sentidos do texto, ou seja, em oralizar a interpretação do texto. Ler expressivamente é ler com a entonação e o ritmo adequados, com a modulação da voz, com boa dicção, com as pausas devidas, com naturalidade, com a ênfase correta (um momento de suspense ou de grande descoberta, por exemplo). Por ser uma atividade que consegue chamar a atenção das crianças para a beleza das palavras e também despertar e manter o interesse delas pela leitura, deve ser mais valorizada na escola e praticada com maior frequência.

SEM BRINCADEIRA!



Henrique Félix

EXPLORAÇÃO DA LEITURA

O processo de exploração da leitura tem como objetivo facilitar às crianças a compreensão das características de composição verbal e/ou visual do livro lido.

Cabe a você, professor, fazer perguntas que permitam às crianças compreender que a literatura trabalha com palavras e imagens para criar efeitos de sentido. Essas questões devem ampliar a compreensão do texto literário e despertar o olhar dos alunos para a multiplicidade de sentidos que os textos dessa natureza podem oferecer. Essa é uma excelente estratégia didática, sobretudo para a exploração da leitura daqueles textos que se distanciam muito do nível de autonomia de leitura das crianças. É também importante que os alunos possam interrogar o texto, explicitando os procedimentos que utilizam para lhe atribuir sentido. Assim, você contribuirá, de fato, para a formação do leitor e evitará a fragmentação e a leitura excessivamente pedagógica e escolar dos textos da esfera literária.

Para fazer a ponte entre a etapa de preparação e a exploração propriamente dita do texto, você pode pedir aos alunos que realizem uma investigação prévia da linguagem utilizada, orientando-os por meio de perguntas. Podemos citar como exemplo, dentre tantas outras, estas questões: "O texto foi entendido com facilidade ou não?", "Existem palavras que geraram dúvidas?", "Os parágrafos são curtos ou longos?", "O que aconteceu no início da história?", "O que determinou que o personagem mudasse de ideia?". Pode-se também tirar proveito dos efeitos de sentido produzidos pelos sinais de pontuação (onde se localizam os pontos-finais, a que tipo de sentimento se referem as exclamações, que tipo de dúvidas é indicado pelas interrogações e o que sugerem as reticências), para que as crianças comecem a reconhecer e se familiarizar com as funções expressivas desses elementos.

Após essa visualização mais geral do texto, pode-se então passar a aspectos específicos do gênero/tipo de texto ou da narrativa visual (se for um livro de imagem).

Se for um texto narrativo, seus elementos centrais devem ser analisados, como o tempo, o espaço (geográfico, social ou mágico), as relações entre os personagens principais e os secundários, o narrador, entre outros aspectos.

Tomando o cuidado de não transformar a exploração da leitura em uma aula de gramática, pode-se perguntar às crianças se a história é narrada no passado, no presente ou se faz referências a um tempo futuro, instigando-as a comentar como chegaram às respostas dadas. Alguns elementos do texto podem indicar quando ocorre a história, como algumas palavras e expressões ("ontem", "hoje", "no mês passado", "antigamente", dentre outras), verbos e tempos verbais ("faz", "está fazendo", "brinca", "andou", "comeu", "buscará", "vai buscar", etc.).

Pode-se explorar o espaço chamando a atenção dos alunos para palavras e expressões que denotam essa ideia e que fazem com que possam construir uma imagem mental do local onde os fatos ocorrem. Como se trata de literatura, os espaços representados nas narrativas devem ser vistos como imagens de ideias, de mundo inventados, de interpretações, seja do escritor, seja da coletividade. Um castelo, por exemplo, é muito mais do que uma construção grande e rica: representa o imaginário dos contos de fadas.

O narrador é uma figura central da narrativa e não deve ser confundido com o autor. É interessante mostrar como o narrador pode se apresentar no texto: pode ser um personagem principal ou secundário, participar da história e contar os eventos em primeira pessoa ou pode estar posicionado fora dos acontecimentos e contar a história dessa perspectiva, como observador somente.

SEM BRINCADEIRA!



Henrique Félix

As características dos personagens podem ser reconhecidas a partir da exploração de comportamentos, falas, silêncios, figurino, ações. Para orientar o olhar das crianças, você pode fazer algumas perguntas, como estas: “Que papel eles desempenham na história?”, “Gostam de brincar?”, “São falantes, calados, alegres, solitários?”, “Vão à escola?”, “Têm amigos?”, “O que sentem?”, “O que pensam?”, “Como se relacionam com os demais personagens (amizade, ódio, amor, solidariedade...)?”. Para ampliar as possibilidades de compreensão e interpretação do texto, você pode pedir aos alunos que façam comparações com outros personagens ou com pessoas que conheçam: poderão dizer, por exemplo, que tal personagem se parece com eles próprios, com a Emília ou com o Menino Maluquinho, que fala como o Lobo Mau, que tem os cabelos brancos como os da avó, etc. É uma estratégia produtiva para perceber como se constrói um personagem. Nessa atividade de associação, entretanto, o texto deve ser o ponto de partida e de chegada. Por isso, é muito importante que você, professor, não deixe as discussões perderem o foco da leitura, partindo para comentários a respeito da vida das crianças ou indo para longe do texto.

Dependendo do gênero, você deve chamar a atenção para diferentes elementos de composição. Na leitura de poemas, deverá orientar o olhar de seus alunos para características como sonoridade, rimas, ritmo dos versos. Mostre para as crianças que a escolha das palavras, na literatura, especialmente na poesia, é cuidadosamente pensada para obter determinados efeitos, sejam de sentido, sejam sonoros, sejam imagéticos, ou todos ao mesmo tempo.

Já no trabalho com o texto teatral, deve-se comentar que a finalidade é a representação cênica e, para tanto, alguns elementos da composição dramática devem ser ressaltados. As crianças precisam reconhecer a semelhança com a narrativa - o texto feito para o teatro também conta uma história, com cenário, personagens e no decorrer de um tempo determinado - e identificar e analisar as rubricas, que são as balizas desse gênero: indicações sobre a cena, como devem ser pronunciadas as falas, como devem se movimentar e se comportar os personagens, seu figurino, seus gestos e outras indicações.

Se o texto for não-verbal, como é o caso dos livros de imagem e das ilustrações que acompanham os textos verbais, outros olhares e percepções devem ser acionados. A composição visual envolve uma técnica (colagem, aquarela, nanquim, xilogravura; cores fortes, tons pastéis, traços finos ou espessos, etc.), escolhida pelo ilustrador para produzir determinados significados e/ou efeitos. A exploração das ilustrações de um livro deve ter como foco a estrutura e a composição e deve contemplar as relações entre texto e imagem, entre título e história narrada, entre personagens e demais elementos da narrativa (espaço, tempo, linguagem, narrador, por exemplo). Para orientar o olhar dos alunos na exploração das ilustrações, você pode recorrer a algumas perguntas, tais como: “Que tipo de elementos visuais demonstra que o espaço é grande ou pequeno, claro ou escuro?”, “Como é possível saber se os personagens estão no campo, na cidade, em casa ou em outros lugares?”, “As imagens revelam aspectos da realidade ou da fantasia?”, “De que forma as ilustrações se relacionam com o texto verbal, ampliando os seus sentidos e enriquecendo a leitura?”.

EXPANSÃO DA LEITURA

Realizado o trabalho de exploração da leitura, é interessante promover a ampliação dos conhecimentos, impressões, sentimentos e significados que vieram à tona a partir do contato com o texto literário. Nesta etapa, é fundamental que você situe a leitura do livro em um universo mais amplo de expressão, o que pode acontecer de variadas formas.

Um conceito importante nesta etapa é a intertextualidade. Deve-se propiciar às crianças a oportunidade de relacionarem o texto lido com outras leituras que fizeram (diálogo

SEM BRINCADEIRA!



Henrique Félix

com a própria literatura) e também com outras formas de expressão, como as artes plásticas, a música, o teatro, o cinema, os quadrinhos.

No caso das relações entre textos literários, deve-se desafiar as crianças a estabelecer comparações (busca de semelhanças e diferenças) de alguns aspectos: estilo dos autores (diferentes escritores têm estilos também diferentes, e isso se evidencia nas escolhas que fazem e no modo como compõem seus textos), linguagem, temática, estrutura do texto, características dos personagens, técnica de ilustração, entre outros.

É você, professor, a pessoa mais preparada para perceber as possibilidades de exploração de intertextualidade que sejam mais produtivas para seus alunos, já que cada turma tem sua história de leituras prévias, de vivências culturais, de projetos anteriores de leitura. Enfim, as atividades de expansão da leitura dependerão muito do perfil das crianças, para que elas possam, efetivamente, fazer ligações entre o livro que leram e outros que já conhecem, filmes ou peças de teatro a que assistiram, obras de arte que tenham visto, músicas que tenham ouvido.

Debates, pesquisas e atividades lúdicas (por exemplo, encenações, associações de palavras, ilustrações, jogos, projetos de divulgação na escola e na comunidade) podem enriquecer a compreensão e a interpretação do texto. Obviamente, isso não deve se tornar pretexto para atividades meramente pedagógicas, nem resultar no abandono do texto literário, que deve ser sempre, vale a pena ressaltar, o ponto de partida e de chegada do trabalho com a leitura.

SEM BRINCADEIRA!



Henrique Félix

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

- ◆ ALLIENDE, Felipe; CONDEMARÍN, Mabel. *A leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento*. 8. ed. rev. e atual. São Paulo: Artmed, 2005. p. 179-182.
O trecho recomendado discute o papel da literatura na formação do ser humano e o incentivo, desde cedo, à leitura.
- ◆ CABRAL, Márcia. A criança e o livro: memória em fragmentos. In: KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel Ferraz Pereira (Org.). *Infância e produção cultural*. Campinas: Papyrus, 1998. p. 151-170.
Dialogando com textos autobiográficos dos escritores Graciliano Ramos e Elias Canetti, esse texto investiga a relação da criança com o livro e com a leitura e ressalta a importância de um bom mediador.
- ◆ COSSON, Rildo. Aula de literatura: o prazer sob controle? In: _____. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 25-30.
Esse capítulo do livro trata das relações entre literatura e escola e dos seus conflitos. É um texto questionador, que pode favorecer a reflexão sobre a sua prática e sobre o ensino de leitura na escola.
- ◆ KLEIMAN, Angela B. Contribuições teóricas para o desenvolvimento do leitor: teorias de leitura e ensino. In: RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker; BECKER, Paulo Ricardo (Org.). *Leitura e animação cultural: repensando a escola e a biblioteca*. 2. ed. Passo Fundo: UPF, 2005. p. 21-41.
De forma bastante didática, a autora apresenta sucintamente as principais teorias relacionadas à leitura, discutindo as suas implicações para o ensino na escola: os estudos do letramento (leitura e prática sociocultural), as teorias linguístico-discursivas (a noção de gênero) e as teorias sociocognitivas (as estratégias de compreensão).
- ◆ ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Global, 2003. p. 25-30.
O trecho sugerido trata da formação do leitor e das relações entre literatura e escola.

SEM BRINCADEIRA!



Henrique Félix

PROPOSTA DE TRABALHO

ANTES DA LEITURA

1. Incentive os alunos a lançar hipóteses sobre a história que será lida com base no título e nas ilustrações da capa. Qual é o significado da expressão que compõe o título do livro? Trata-se de uma proibição à brincadeira ou há outros sentidos possíveis para essa expressão? Depois, faça algumas perguntas para orientar a análise das ilustrações da capa. Quem será o menino presente no topo da capa? O que ele está carregando? Quem é provavelmente essa senhora? A expressão dela demonstra alguma reação ao que o menino está lhe trazendo? Qual?
2. Peça às crianças que folheiem o livro, observando a estrutura da narrativa. A história é dividida de que forma? Está organizada em capítulos? De que modo é identificado cada um dos capítulos? Para que compreendam como se organiza a narrativa, lance algumas questões para resgatar o conhecimento prévio dos alunos. O que é uma redação? Quem já escreveu alguma redação? Há uma estrutura regular ou elementos recorrentes que devem ser seguidos ao se escrever uma redação?
3. Comente com as crianças que o personagem principal da história gosta de ler e de escrever e, depois, estimule a troca de ideias entre os alunos sobre a escrita e a leitura. Quem conta histórias para as crianças em suas casas? Há leitores na família ou entre os amigos? O que gostam de ler? Em que momentos leem ou ouvem histórias? Os livros que eles leem são selecionados com base em que critério? Eles costumam ler poesia? E livros de imagem e histórias em quadrinhos, eles gostam de ler?

DURANTE A LEITURA

1. Questione os alunos sobre o que motivou a escrita de tantas redações e sobre a distância percorrida em relação à proposta inicial (“dizer qual a coisa que mais gosta de fazer na vida”). De que forma Guilherme é caracterizado como aluno? Pode-se afirmar que ele é ativo e interessado? Como a ilustração e o texto das páginas 14 e 15 comprovam isso? Embora a tarefa solicitada pela professora não tenha sido prontamente realizada pelo menino, de que modo as redações dão dicas de que escrever é a atividade preferida de Guilherme? Incentive as crianças a comparar a parte inicial (“Meu nome é Guilherme e eu adoro ler.”) e a parte final da narrativa (“Meu nome é Guilherme e eu adoro escrever.”). São contraditórias essas afirmações ou elas estão associadas? Que pistas foram dadas, ao longo da narrativa, de que a atividade predileta do menino envolvia as letras? De que modo contar a trajetória de como se tornou íntimo da palavra está associado com o desfecho do texto, em que ele confessa que adorar escrever?
2. Explore com as crianças a linguagem utilizada no texto, que apresenta muitos elementos da oralidade. Palavras e expressões como “troço” (página 12), “meu!” (página 32), “puxa” (página 35) e “levar ela” (páginas 5 e 12) podem servir de base para a reflexão. Aproveite a oportunidade para voltar à expressão que dá título ao livro. Ao longo da narrativa, essa

SEM BRINCADEIRA!



Henrique Félix

expressão é retomada? Por que é repetida tantas vezes? Que efeito se alcança com essa repetição? Tendo agora em mente o contexto de uso da expressão, incentive os alunos a comentar o sentido dela no texto e também no título.

3. É importante levar as crianças a refletir sobre a relação do protagonista com os escritores. Qual é a impressão que Guilherme tem dos autores? Como eles são apresentados ao longo do texto e também nas ilustrações? Qual a imagem que o menino faz da autora da qual gosta muito? Como a ilustração evidencia isso? Quais características da autora encantam as crianças? A leitura do livro e o fato de gostar das histórias influenciaram a imagem construída por Guilherme? Pergunte aos alunos se eles se lembram dos autores que já leram e quais são os escritores de que mais gostam.

4. Uma redação destoa das demais: a 7ª. Por quê? Trata-se de uma redação nos moldes tradicionais ou se assemelha mais a outro tipo de texto? Ao analisar esse capítulo (redação), explore a informação apresentada pelo menino de que se trata de um “conto acumulativo”. Esse tipo de texto é caracterizado pela repetição, ou seja, vão sendo acrescentados detalhes cumulativos até que a narrativa se acabe. Chame a atenção das crianças para a ilustração da página 21, na qual estão presentes flechas que focam a ordem e a repetição das ações. Qual é a função das flechas na composição dessa ilustração? Leve os alunos a perceber que as ilustrações que acompanham essa redação (conto acumulativo) são diferentes das outras, que acompanham as demais redações.

DEPOIS DA LEITURA

1. Um diálogo interessante pode ser estabelecido com os livros de Monteiro Lobato em que Dona Benta, a vovó de Pedrinho e Narizinho, conta histórias para a criançada. Aprender a ler é um processo intermediado por um adulto leitor. Que efeito Dona Benta promove ao contar histórias para a garotada? As crianças ficam fascinadas com as histórias? E a mãe de Guilherme, qual é o seu papel na introdução do filho no universo da leitura e da literatura? É bom ouvir histórias? Isso gera curiosidade e faz com que haja interesse em ler cada vez mais? Sugira aos alunos que releiam o primeiro parágrafo da página 7 para se lembrarem da maneira como Guilherme se refere ao seu amor pela leitura.

2. Várias obras de arte retratam a fruição da leitura, dentre as quais se pode destacar *A leitora*, do pintor francês Jean-Honoré Fragonard, e *Leitura*, do também francês Pierre-Auguste Renoir. Apresente aos alunos essas e outras pinturas (por exemplo, Rembrandt, Monet, Picasso e Van Gogh) que retratam pessoas lendo, orientando-os para que comentem cada uma das imagens e para que as comparem com as ilustrações do livro *Sem brincadeira!* que mostram personagens lendo — os familiares de Guilherme, o próprio menino, os escritores, entre outros. Se julgar interessante, proponha às crianças organizar uma exposição de imagens de leitores ou de situações que envolvam a leitura.

Colaboração: Ana Cristina de Aguiar Bernardes e Elis Carrijo Guimarães